



Katarina Albuquerque de Lima\*

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal expor dois conceitos-chave para a compreensão da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer: logos, que aqui será tratado de dois modos distintos, como diálogo e enquanto linguagem em sentido amplo, e o conceito de tradição, o qual Gadamer elabora uma reabilitação. Desde sua origem, o homem é situado no interior da filosofia como uma questão, pois não há outro vivente que se iguale enquanto portador de possibilidades. Não nascemos completos e, em outras palavras, não somos, estamos sendo, somos inacabados, contingentes, finitos. Assim, a condição humana enquanto ser finito é a condição de possibilidade para que o homem se desenvolva e, assim, estabeleça valores e representações.

**Palavras-chave:** Logos. Linguagem. Tradição. Cultura.

## Logos and culture: fundamental ontology

## ABSTRACT

The main objective of this paper is to expose two key concepts for the understanding of the philosophical hermeneutics of Hans-Georg Gadamer: Logos, which here will be treated fundamentally in two distinct ways, as dialogue and as language in a broad sense, and the concept of tradition, which Gadamer elaborates a rehabilitation. From its origin, man is situated within philosophy as a question, for there is no other living being that is equal to man as the bearer of possibilities, we are not born complete, in other words, we are not, we are being, we are unfinished, contingent, finite, the human condition as a finite being is the condition of possibility for man to develop and thus, consequently, to develop values and representations.

**Keywords:** Logos. Language. Tradition. Culture.

## Introdução

A vida humana é fundamentada em valores e representações (OLIVEIRA, 1997, p. 9-10). Sua marca fundamental, aquilo que caracteriza o animal homem<sup>1</sup>, distinguindo-o de todos os outros, é a sua própria indeterminação, ou seja, sua natureza é o *aberto*<sup>2</sup> (AGAMBEN, 2013, p. 48-49). Isto faz dele um ser sem determinação, isto é, ele tem o poder de decidir se se comporta conforme seus instintos ou não. Por outro lado, o homem é conduzido em certa medida por uma instância que consiste na condição de possibilidade para a sua *facticidade*: denominamos esta condição como história. Enquanto ser histórico, cabe ao homem responsabilizar-se por suas ações<sup>3</sup>.

É precisamente através da história e na história que o homem constitui a si mesmo. A *experiência* com o *Outro* abre a possibilidade de constituir a autocrítica, senso reflexivo necessário à filosofia e ao homem sem o qual não ele poderia colocar-se no mundo, isto é, participar da vida coletiva e se afirmar como individualidade. O ser do homem é historicamente desenvolvido a partir de sua disposição para ouvir e aprender com o *estranho*.

<sup>1</sup> O homem é definido como ser vivo em sentido pleno dado que somente ele, o homem, detém *Logos*. Este termo grego foi traduzido mais comumente como razão ou pensar, mas, de acordo com Gadamer, *Logos* deve ser tomado sobretudo como linguagem. Tomando uma determinada passagem da *Política* para fundamentar esse posicionamento, afirma Aristóteles: “A razão pela qual o homem, mais do que uma abelha ou um animal gregário, é um ser vivo político em sentido pleno, é óbvia. A natureza conforme dizemos, não faz nada ao desbarato, e só o homem, de entre todos os seres vivos, possui a palavra. Assim, enquanto a voz indica prazer ou sofrimento, e nesse sentido é também atributo de outros animais (cuja natureza também atinge sensações de dor e prazer e é capaz de as indicar) o discursar, por outro lado, serve para tornar claro o útil e o prejudicial é, por conseguinte, o justo e o injusto.” (ARISTÓTELES, 1988, 1253a 8-14).

<sup>2</sup> O termo *aberto* não pode ser definido nesse contexto, uma vez que ele é utilizado para referir-se à natureza humana compreendida como indeterminada. Conforme escreveu Cleber Ranieri Ribas de Almeida: “Pensar o político a partir do humano e entendê-lo como lugar de decisão é também uma forma de negar qualquer postulação peremptória do que seria o homem. O homem é o *Aberto*, o *Dasein*, portanto, não seria passível de definição” (ALMEIDA, 2013, p. 8). Sobre este tema defendemos que Agamben e Gadamer não discordariam: Agamben, a respeito da questão do *aberto*, concebe uma análise do tema também no espaço político. A determinação do que é humano e do que não o seja é uma produção política, constituída pelo próprio homem, a partir do modo através do qual ele pode pensar a ética, um conjunto de leis, em suma, toda a organização política. Portanto, sendo a decisão sobre o que é humano uma decisão política, ela é passível de deslocamentos e rearranjos. A decisão sobre o que é o homem pauta a construção do mundo no qual este homem deve viver, o qual ele constrói para si mesmo, e é também uma forma de reconhecer a si mesmo como ser humano.

<sup>3</sup>A *historicidade* é ontologicamente posterior em relação a *temporalidade*, dado que a é graças ao caráter temporal do *Dasein* que é possível a existência de algo como a história e por conseguinte, a *historicidade* é a concretude da *Temporalidade*, significa dizer que o homem enquanto ente finito constitui-se no tempo enquanto *historicidade*, portanto, a *historicidade* é uma marca fundamental constituinte da possibilidade de *compreensão* do mundo e de si mesmo do humano.

A vida do homem está essencialmente fundamentada em valores e representações, conceitos de justo e injusto, bom e mau, verdadeiro ou falso, que já estão dados antes mesmo de virmos ao mundo. Porém, no instante em que valores e representações que compunham a vida de um homem deixam de fazer sentido, é tarefa do indivíduo elaborar um novo significado, reformular seus juízos prévios acerca do seu meio, reelaborar sua *visão de mundo*.

Hans-Georg Gadamer (1900-2002) foi um filósofo alemão, cujo principal trabalho é intitulado *Verdade e Método I – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. O objeto de seu estudo foi principalmente a reflexão acerca da compreensão. Tomando-a como problema filosófico, Gadamer se tornou o filósofo que estabeleceu as bases para a hermenêutica filosófica, ou seja, ele foi o responsável por pensar a hermenêutica não como um simples método para interpretação de textos, mas demonstrando a sua universalidade.

A hermenêutica clássica e seus pensadores centraram suas pesquisas em busca de uma fundamentação das ciências do espírito. Com a ascensão das ciências naturais e seus métodos de verificação, os pesquisadores das ciências do espírito buscaram fundamentar seus estudos através de uma metodologia apropriada. Essa metodologia é a hermenêutica. Por muito tempo então, a hermenêutica foi vista apenas como uma série de regras para a interpretação adequada dos textos, de tal modo que o domínio da língua em que foi escrito determinado opúsculo era um deles, assim como a tentativa de investigar o significado de cada palavra era outro.

Gadamer não tem como finalidade constituir uma série de regras com o único fim de garantir alguma legitimidade aos estudos das ciências do espírito: ao contrário, sua tese principal está centrada na ideia de uma universalidade da hermenêutica. Em outros termos, para Gadamer, a compreensão é o princípio fundamental do humano. Sua tese está assentada sob dois argumentos fundamentais, o conceito de “história continuamente influente” e as condições de sua compreensão.

A virada hermenêutica na filosofia, além de abrir caminhos para possibilidades distintas de pensar a busca pelo saber, assumiu a responsabilidade de exercer a reflexão histórica em seu duplo sentido, ainda que consciente da impossibilidade da realização absoluta de um conhecimento definitivo. Uma vez que a história atua no homem, assim como o homem atua na história, a interdependência entre eles é

designada por Gadamer como *história efetual*. Dado que o homem não pode desfazer-se de sua condição fundamental de ser histórico:

A afirmação de que a história efetual pode chegar a tornar-se completamente consciente é tão híbrida como a pretensão hegeliana de um saber absoluto, em que a história chegaria à completa autotransparência e se elevaria ao patamar de conceito. Ao contrário, a consciência histórico-efetual é um momento da realização da própria compreensão [...] (GADAMER, 2015, p. 398).

O primeiro argumento, o conceito de “história continuamente influente”, significa dizer que a compreensão é condicionada pela história, e a história é também compreensão. O segundo argumento, a condição de cada um em relação à compreensão, significa dizer que a compreensão é a responsável pela relação do homem com o mundo e com os outros.

Em suma, a tese gadameriana da universalidade da hermenêutica parte de dois grandes pressupostos: o primeiro tem em vista a limitação da compreensão pela linguagem que é obtida no contato com a tradição histórica, e a segunda limitação consiste no diálogo com o outro e as consequências da nossa compreensão na relação com o outro, e do outro conosco.

Dado que para o filósofo o homem é fundamentalmente compreensão<sup>4</sup>, e esta se dá no nível da linguagem através da qual há, portanto, uma relação do homem com o mundo e com os outros, a hermenêutica da Gadamer é também ontologia. (Nisso fica claro a influência de Heidegger no pensamento de Gadamer – *Dasein*<sup>5</sup> – único ente em que a essência é conjunta à existência). Portanto, há duas dimensões

<sup>4</sup> “A *compreensão* é definida como um *acontecimento* cuja consequência é a apreensão de um sentido, é um grau de conhecimento distinta da explicação, pois não depende de demonstrações ou mesmo de leis. Um acontecimento histórico, uma obra de arte, ou até mesmo um diálogo não são passíveis de uma explicação, pelo menos não enquanto não houver primeiramente uma *compreensão* do acontecimento, pois primeiramente deve-se apreender o seu sentido. Enquanto os acontecimentos da natureza devem ser explicados, mas a história, os eventos históricos, os valores, e as culturas não de ser compreendidas [...] Heidegger tem razão quando estabelece a compreensão mais originariamente do que aquela dualidade e faz dela um ‘existencial na constituição ontológica do ser-aí’” (CORETH, 1973, p. 48-49).

<sup>5</sup> *Dasein* é um conceito construído por Heidegger para definir um modo especial de ser do humano. É importante não confundir *Dasein* com o conceito *homem*, *Dasein* refere-se a uma manifestação do ser no ente homem, portanto, não há uma completa correspondência entre homem e *Dasein*. As duas principais características desse modo especial de ser do homem são: a existência e sua abertura, ou seja, sua capacidade de autodeterminar-se na mesma medida que lhe é impossível uma determinação total, ele está sempre aberto a novas formas de determinação a partir de sua indeterminação natural.

constituidoras da tese de Gadamer: uma ontológica, que diz respeito ao Ser e à linguagem, e uma dimensão prática, relativa ao diálogo.

### **Tradição – Cultura**

A compreensão da condição hermenêutica de pertença à tradição reside no movimento próprio da compreensão: concebido num círculo chamado de círculo hermenêutico, denota que a compreensão do todo deve ocorrer tendo em vista a parte para, a partir daí, vislumbrar o todo. Por outro lado, dado que o todo é a união das partes e elas são determinadas pelo todo, o que deve ser feito durante este processo é a busca pelo significado de cada parte, de tal modo que elas devem estar em conformidade com o todo: se esta concordância não ocorre, significa que a compreensão não foi bem-sucedida. O que Gadamer destaca com isso é que toda subjetividade possui objetividade e é isso que precisa aparecer na compreensão.

Para Schleiermacher, um dos filósofos da hermenêutica moderna, o círculo hermenêutico possui duas partes, sendo uma objetiva e outra subjetiva. O momento objetivo seria a compreensão de que cada palavra forma o sentido de um texto, cada texto o sentido de uma obra, e a união de obras conforma um gênero literário e, num certo limite, até mesmo toda a literatura. Por outro lado, há o aspecto subjetivo, uma vez que uma obra representa um instante de criação em que, nas palavras do Gadamer (2015, p. 223), “está contido o todo da alma de seu criador”. A compreensão acontece, portanto, nestes dois níveis.

Gadamer (2015) aponta outro pensador que possui uma tese que se relaciona com o que foi dito anteriormente: Wilhelm Dilthey e sua defesa de que o texto só pode ser compreendido a partir de si mesmo. Por sua vez, Gadamer não está seguro de que esta seja a forma mais acertada de conceber o movimento circular da compreensão. Com o fim de alcançar uma resposta, o filósofo retoma suas pesquisas em Schleiermacher.

De modo bastante direto, Gadamer descarta o aspecto subjetivo, tendo em vista que quando se procura compreender um texto não estamos em busca da constituição psíquica do autor, mesmo que tenhamos a perspectiva do autor sobre determinado tema: ou seja, procuramos validade objetiva no que o texto está expondo. Inclusive, quando há um esforço verdadeiro de compreender um texto, há por parte

do intérprete o esforço intelectual de fortalecer os argumentos do autor. Neste sentido, aparece aqui uma compreensão que em nada diz respeito à subjetividade do autor, já que ela é inteiramente compreensível por si mesma.

Continuamente, o aspecto objetivo do qual nos fala Schleiermacher também é descartado como uma possibilidade de resolução do problema a que Gadamer pretende responder. Conforme foi dito anteriormente: “Já vimos que o objetivo de todo acordo e de toda compreensão é o entendimento sobre a própria coisa. A hermenêutica sempre se propôs como tarefa restabelecer o entendimento alterado ou inexistente.” (GADAMER, 2015, p. 387).

Quando Schleiermacher, assim como a ciência no século XIX, ultrapassa a particularidade da reconciliação entre a antiguidade clássica e o cristianismo, a hermenêutica ganha princípios gerais formais. É deste modo que se consegue dar a hermenêutica uma objetividade própria, característica às ciências da natureza, e a consequência disso foi o descaso com a consciência histórica.

Heidegger opera uma transformação decisiva em relação ao círculo hermenêutico, através da fundamentação existencial. A teoria anterior à dele concebendo que “a estrutura circular da compreensão possuía uma relação formal entre o individual e o todo, assim como de seu reflexo subjetivo, a antecipação intuitiva do todo e sua explicação subsequente no individual” (GADAMER, 2015, p. 490), assumia que a compreensão dos textos pode alcançar um final. Assim, Gadamer viu que a teoria da compreensão de Schleiermacher é uma teoria do ato adivinhatório, no qual o intérprete toma para si a posição do autor e, a partir disto, resolve o texto por completo. Heidegger, por outro lado, assume que o círculo hermenêutico se dá de modo contínuo, “pelo movimento de concepção prévia da pré-concepção.” (GADAMER, 2015, p. 490). Não há um final na compreensão de um texto e, neste sentido, a compreensão atinge legítima realização.

Levando isto em consideração, Gadamer afirma que o círculo hermenêutico não possui uma natureza formal da compreensão. A verdade é que ele não é objetivo e nem subjetivo, mas, antes de tudo, movimento, um duplo movimento da tradição e do intérprete. O filósofo reconhece que há uma atitude de antecipação por parte do intérprete, mas isso não configura um ato de subjetividade. Há uma tradição da qual nós compartilhamos num curso de contínua formação e, sendo assim, o círculo

hermenêutico não configura um método, mas se trata de uma estrutura ontológica da compreensão.

Nesse sentido, há uma “historização” da razão. Em Gadamer, a razão não ocupa esse lugar todo-poderoso de ser capaz de nos dar respostas absolutas. O que há é compreensão, e esta se dá sempre num contexto histórico.

Partindo desta transformação operada por Heidegger, Gadamer afirma que há uma nova consequência hermenêutica, e ele a denomina como *concepção prévia da perfeição*. Isso significa dizer que somente pode ser compreendido aquilo que forma uma unidade perfeita, e quando isto não é possível, o ato adivinatório aparece numa tentativa de apreender o sentido do texto. Cito: “Não se pressupõe uma unidade imanente de sentido que possa guiar o leitor, mas que a compreensão deste esteja guiada constantemente por expectativas de sentido transcendente, que surgem de sua relação com a verdade daquilo a que o texto intenciona.” (GADAMER, 2015, p. 388-389).

Nós possuímos certas expectativas acerca do texto, originadas pelas experiências que tivemos com o assunto, e estamos abertos à possibilidade de que o que estamos lendo é dotado de uma acuidade a respeito do assunto que nossas opiniões não alcançam. É a partir desta suposição de que é verdadeiro aquilo que está contido no texto que nos esforçamos para compreendê-lo, de tal modo que o preconceito da perfeição contém, pois, não somente a formalidade que assevera que um texto deve expressar perfeitamente a sua opinião, mas também de que o que diz é uma verdade perfeita (GADAMER, 2015).

Compreender é, num primeiro momento, assumir que sabe a respeito de algo, e só então, num segundo momento, se abrir para o posicionamento do outro. Em vista disso, Gadamer (2015, p. 221) afirma que a condição primordial entre todas as condições hermenêuticas, nada mais é que “a pré-concepção que surge do ter de se haver com a coisa em questão”.

Dessa maneira, a relação estabelecida entre tradição e comportamento histórico-hermenêutico decorre da comunidade de preconceitos fundamentais. Em vista disso, a hermenêutica parte do fato que há uma relação com a tradição, mas não na forma de uma unidade natural e, por isso, inquestionável. Ao contrário, ela se dá numa relação polar entre “familiaridade e estranheza”, de modo que esta é a base da hermenêutica, e não o psicologismo de Schleiermacher, que tem em vista a

individualidade. Ao ver de Gadamer, o verdadeiro sentido hermenêutico ocorre “com a atenção posta no que foi dito: a linguagem em que nos fala a tradição, a saga que ela nos conta.” (GADAMER, 2015, p. 221). O espaço entre a tensão familiaridade-estranheza é o lugar mesmo da hermenêutica.

A tarefa hermenêutica é desvendar as condições para a compreensão, e não desenvolver um método para a compreensão. Aqui Gadamer levanta o seguinte problema: qual a relevância da distância temporal e seu significado para a compreensão? Tendo em vista que não há um método que guie o intérprete na distinção dos pré-conceitos, portanto, nota-se que ele não possui regras para diferenciar aquilo que é um pré-conceito produtivo, ou seja, aquele pré-conceito que auxilia a compreensão, daqueles que apenas prejudicam o processo de compreender. Essa distinção entre os pré-conceitos que nos impulsionam à compreensão e aqueles que nos atrapalham no processo indica que eles são distinguíveis a partir do próprio movimento de compreensão.

A compreensão romântica da hermenêutica se detinha em enquadrá-la como reprodução de uma dada produção originária. Para Gadamer, os posicionamentos em relação a uma superioridade da produção posterior em relação à produção originária não consistem, tal como pensava Schleiermacher, em uma equiparação do intérprete em relação ao autor. Ou seja, não se trata, para Gadamer, de quem consegue reproduzir melhor a “verdade” de um texto de Platão, por exemplo, mas, na verdade, é o exato oposto, ou seja, se refere a uma distinção que não é passível de superação entre o intérprete e o autor, uma vez que a tradição em que cada texto é escrito tem em vista um problema próprio de seu tempo e se reporta àqueles que dividem este tempo histórico. Portanto, há também outro aspecto que deve ser levado em consideração: a situação histórica do intérprete. (Aqui é evidente a relação de estranheza/familiaridade; ex: fé=crédito).

Para Gadamer, o sentido de um texto não é completamente reconhecido pelo autor: na verdade, o texto sempre supera seu autor e, neste sentido, a compreensão não é um processo meramente reprodutivo, mas é também produtivo. Para o filósofo não é correto falar de um “compreender melhor” como se a cada interpretação de um texto o sentido dele fosse descoberto, como se fosse possível uma evolução, uma espécie de progresso no entendimento de uma obra. Na verdade, trata-se de compreensões distintas, fruto de diferentes relações de sentido. “A distância é a única

que permite uma expressão completa do verdadeiro sentido que há numa coisa. Entretanto, o verdadeiro sentido contido num texto ou numa obra de arte não se esgota ao chegar um determinado ponto final, pois é um processo infinito.” (GADAMER, 2015, p. 446).

É evidente que, a partir disso, Gadamer se contrapõe ao conceito de compreensão da hermenêutica romântica. Não há mais uma preocupação com a individualidade, mas o centro da hermenêutica passa a ser ocupado pela verdade da coisa. Com isso, o texto não é mais reduzido a uma expressão de vida, mas ganha o estatuto de pretensão de verdade. “Pois a distância de tempo em sua produtividade hermenêutica só pôde ser pensada a partir da mudança de rumo ontológico que Heidegger deu à compreensão como um ‘existencial’ e a partir da interpretação temporal que aplicou ao modo de ser da pré-sença (*Dasein*)” (GADAMER, 2015, p. 393).

A partir disto, o tempo não é mais encarado como algo que devia ser superado para interpretação de um texto, como pressupunha o historicismo. Na verdade, ele passa a ser o fundamento, ou seja, a distância histórica deve ser encarada como uma oportunidade positiva e produtiva para o processo de compreensão. Dado que o que se diz é sempre mais do que se fala, e há uma condição histórica presente, tanto o autor quanto o intérprete partem de um lugar na história que não pode ser ignorado. O encontro entre presente e passado sempre produz algo novo.

A investigação histórica concluiu que só é possível alcançar um panorama completo de algo quando o objeto está em uma determinada distância daquele que investiga, pois somente deste modo a subjetividade do observador já não seria uma interferência na sua compreensão. Para Gadamer isto constitui um paradoxo, já que “é o correlato, na teoria da ciência, do velho problema moral de se saber se alguém pode ser chamado de feliz antes de sua morte.” (GADAMER, 2015). Com efeito, como você pode determinar que sua vida foi feliz se ela ainda não acabou?

A distância de tempo que não possui final, pois está sempre em expansão, em movimento, é exatamente aquilo que possibilita resolver o verdadeiro problema hermenêutico, a saber, a distinção entre os pré-conceitos que impulsionam a compreensão e aqueles que a dificultam. Por isso, uma consciência que se pretende hermenêutica terá também de ser uma consciência histórica. Assim, quando postos de frente com a tradição será possível tornar conscientes os preconceitos, pois

quando nos encontramos com o problema, cabe constatar que ele já deve ter sido levantado anteriormente. Para Gadamer, aquilo que nos incita à compreensão hoje deve já ter se apresentado em outros momentos. Esta é a condição primeira da hermenêutica: aquilo que nos interrompe, aquele estranhamento forte o suficiente para nos fazer pôr em dúvida nossos preconceitos.

Manter abertas as possibilidades é, para Gadamer, a essência da pergunta: no momento em que nossos preconceitos são postos em dúvida em face de outros, se dá o momento da compreensão, sendo esta não apenas uma compreensão histórico-objetiva como pretendia o historicismo, mas, sobretudo de nós mesmos e do mundo. Conforme descreve Gadamer, “a ingenuidade do objetivismo histórico é a admissão de que nós podemos fazer caso omissos de nós mesmos.” (GADAMER, 2015, p. 304; PEREIRA, 2012, p. 71).

Para o filósofo, o pensamento verdadeiramente histórico é aquele que leva em consideração sua própria historicidade, ou seja, sua condição é aberta à possibilidade da compreensão e, como tal, não possui um objeto, mas é ele mesmo uma unidade da história e do compreender histórico. A esse processo, o processo de compreensão histórica, Gadamer designa história efetual.

Isto fica mais claro a partir do conceito de  *fusão de horizontes*<sup>6</sup>: para Gadamer, não é possível, como pretendia o positivismo estático histórico, obter um acesso ao passado sem qualquer mediação do presente, mas, ao contrário, acessa-se o passado a partir do presente, ou seja, há uma unidade entre eles. Parte-se sempre de um lugar, e ele não pode ser ignorado.

---

<sup>6</sup> O conceito de  *fusão de horizontes* indica o acontecimento do encontro de duas visões de mundo distintas, ou o encontro entre o passado e presente que, ao longo do esforço hermenêutico de compreensão, pôde atingir um consenso acerca da coisa sem que nenhuma das partes tenha que simplesmente ceder a argumentação do outro. Juntos concebem um novo horizonte de interpretação, um horizonte diferente e produtivo para as partes envolvidas no diálogo: “Na verdade, o horizonte do presente está num processo de constante formação, na medida em que estamos obrigados a pôr constantemente à prova todos os nossos preconceitos. Parte dessa prova é o encontro com o passado e a compreensão da tradição da qual nós mesmos procedemos. O horizonte do presente não se forma pois à margem do passado. Não existem horizontes históricos a serem conquistados. Antes, compreender é sempre um processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos”. (GADAMER, 2015, p. 404).

## Logos

Sua tese sobre a compreensão humana é centrada no pressuposto de que o homem compreende por que possui em si o encontro entre história e linguagem. Para o filósofo, a linguagem se mostra como uma questão fundamental, pois não há separação entre pensamento e linguagem. Em outros termos, tudo aquilo que procuramos compreender só se torna uma questão por já ser possível dentro do horizonte da linguagem.

Isto pressupõe o entendimento de duas teses fundamentais: a primeira, de que não há pensamento sem linguagem, e a segunda, de acordo com a formulação, de que toda a nossa compreensão está sujeita à linguagem. Portanto, é correto falar de uma impossibilidade de compreensão sem seu intermédio, ou seja, a linguagem é a condição primordial para a autocompreensão, para a compreensão do mundo e de todas as coisas no mundo.

Gadamer nos fala ainda de uma “linguagem comum”. Com esta concepção, ele sustenta que a linguagem não é uma entidade estática. As palavras inseridas em cada contexto tomam uma forma distinta e o movimento de compreensão deve estar voltado para a interpretação desse contexto (histórico), para que se alcance o sentido verdadeiro daquilo que se pretende compreender. Em outros termos, a palavra por si só não possui sentido próprio, mas é uma possibilidade de expressão do pensamento apenas quando posicionada num contexto (histórico). Com base nisso podemos falar do surgimento e da legitimação de um significado. Este significado na filosofia é designado como conceito e a filosofia hermenêutica apresentará, por sua vez, a problemática em torno da formação de conceitos.

A chamada “experiência hermenêutica” pode auxiliar na compreensão fundamental do mundo e dos seres humanos, enquanto entes indissociáveis. Qual seria? É exatamente o exercício proposto com Gadamer que pode ser levado adiante e ajudar a humanidade a lidar com seus conflitos: o exercício de ouvir. E aqui se apresenta o aspecto prático da linguagem: é precisamente nesse momento, no instante do diálogo, que não necessariamente diz respeito ao diálogo na presença física do outro, mediada pela língua, mas que pode acontecer também através da leitura de um livro ou na apreciação de uma obra de arte, como uma pintura ou uma peça teatral, que nossa experiência humana de mundo é ampliada. O ato de ouvir o

outro é a atitude propriamente hermenêutica. Colocar-se na posição de ouvinte, abrir-se para o outro, implica um posicionamento diante do outro (este outro pode ser uma pessoa, um texto, uma cena de um filme, o mundo) que demanda daquele que ouve a abertura para a dúvida. Esta experiência, tão fundamental para a compreensão, pode levar os seres humanos a pôr em xeque seus preconceitos e, assim, abrir-se para outros horizontes.

## Conclusão

O homem como ser de compreensão, através da qual ele se relaciona consigo, com o mundo e com os outros, e a linguagem sendo o único meio para tal revela que esta possui caráter ontológico e prático. Sendo assim, o ponto de partida e o lugar no qual a teoria gadameriana é construída é precisamente a dimensão originária da compreensão, já que nela estão veladas a totalidade da *experiência de mundo* e a *práxis* humana. Todavia, há um modo de trazer tal saber à luz, de desvelar os *acontecimentos da linguagem*: esta forma é particular à hermenêutica filosófica e ao seu projeto, que se desvela na *linguagem* por causa da *linguagem*. É pela palavra que o sentido das coisas aparece, e o que antes estava velado pode finalmente ser desvelado. O ser, então, implica uma relação essencial com a linguagem, o que manifesta a significação ontológica universal da linguagem e a universalidade da hermenêutica.

O *acontecimento da linguagem* é finito porque a cada vez em que se busca compreender, encontramos-nos em um *horizonte* diferente, e em nenhum dos *horizontes* possíveis haverá a contemplação da verdade em sua totalidade. Não cabe a hermenêutica conduzir-nos à verdade, ao conhecimento absoluto, total e perfeito, já que todo falar revela algo na mesma medida em que um não dito permanece velado. Esse jogo de vela e revela o ser da *linguagem* é o autêntico movimento da hermenêutica filosófica. Entende-se, assim, o porquê da hermenêutica de Gadamer ser conhecida como a metafísica da finitude: o ser humano, em sua condição de ser finito e historicamente formado, é capaz apenas de elaborar uma metafísica com as mesmas características, ou seja, histórica e finita.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto: o homem e o animal**. Tradução de Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ALMEIDA, Cleber Raniere Ribas de. O aberto: O homem e o animal de Giorgio Agamben – Uma tentativa hipertextual. **Pensando Revista de Filosofia**. Teresina, v. 4, n. 8, p. 1-30, 2013.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Antônio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

CORETH, Emerich. **Questões fundamentais de hermenêutica**. Tradução de Carlos Lopes de Matos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 15ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II**. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Revisão da tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. 6ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco 2011.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A metafísica do ser primordial: L.B. Puntel e o desafio de repensar a metafísica hoje**. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Sobre a fundamentação**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

PEREIRA, Viviane Magalhães. **Compreensão e tradição: a primazia do princípio da “história continuamente influente” na obra Verdade e Método de Gadamer**. 129f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Ceará (UFC), Programa de Pós-graduação em Filosofia Dissertação, Fortaleza, 2012.

Recebido em: 31/10/2021.  
Aprovado em: 08/01/2022.

Received: 31/10/2021.  
Approved: 08/01/2022.